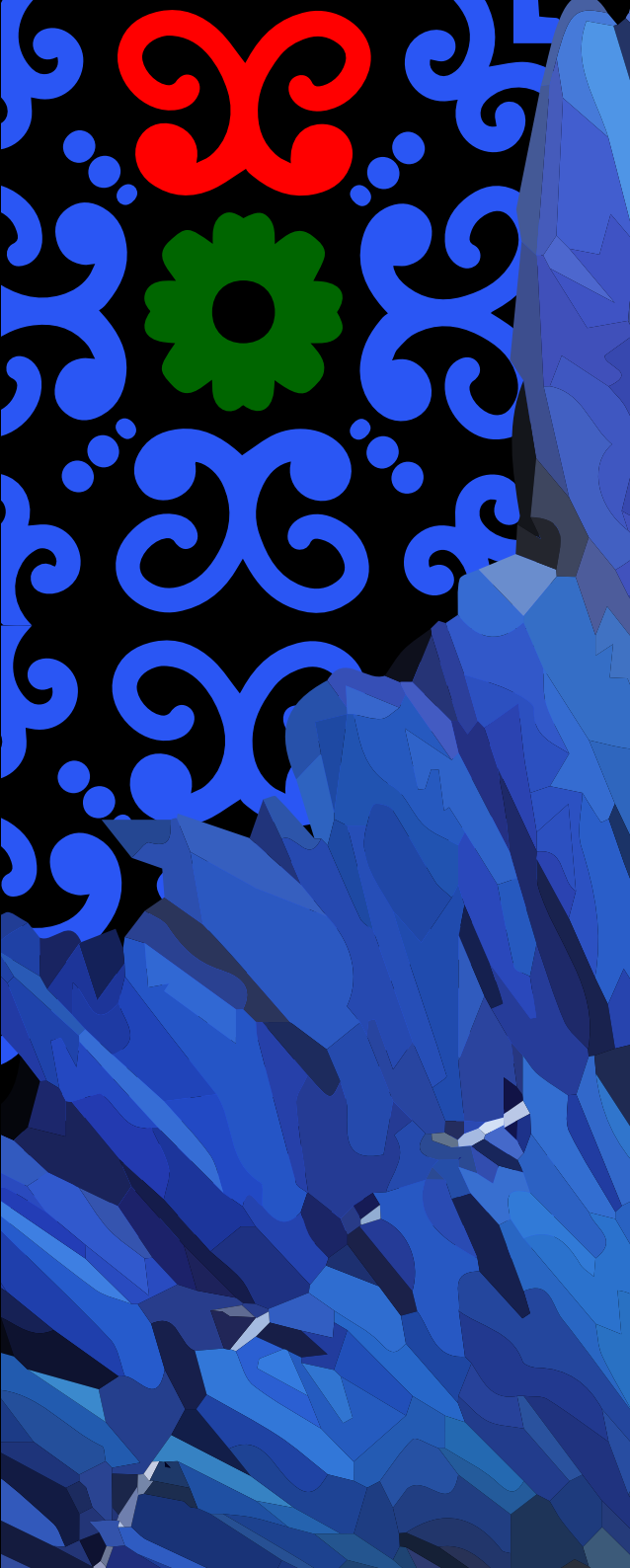




Arapy Aguasu

Sinfonia dos Dois Mundos
(Portugal-Brasil)



Apresentação do Projeto

ARAPY AGUASU – SINFONIA ENTRE DOIS MUNDOS é uma criação musical entre Portugal e Brasil. O projeto é uma criação de Norberto Cruz (Madeira – Portugal), juntamente com Eduardo Martinelli (Brasil), envolvendo a Orquestra Indígena do Mato Grosso do Sul (OIMS) e músicos madeirenses, numa fusão da sonoridade portuguesa e da Indígena Brasileira. O projeto tem inspiração nas sonoridades das “Marés” e da “Mata”, com uma alusão às correntes marítimas que contribuíram para a ligação destes dois territórios e aos recursos naturais que caracterizam a ilha da Madeira e o Estado do Mato Grosso do Sul (Brasil).

A OIMS é a primeira orquestra indígena do Brasil, caracterizando-se pela utilização de instrumentos da tradição europeia (instrumentos de arco), da tradição indígena (Flauta Terena, Tambor Terena, Chocalho Terena) e do Mato Grosso do Sul (viola caipira). A componente vocal também é muito presente devido à riqueza do cancioneiro indígena. Exemplo disso é o Tangará Mirim, música na língua Guarani, nome associado ao pássaro sagrado da mata Atlântica que conta a origem do povo Terena.

Estas sonoridades irão encontrar-se com as sonoridades portuguesas (Madeira e continente), utilizando os instrumentos da tradição como bandolim, braguinha, viola de arame, rajão, guitarra portuguesa, numa fusão que irá descrever, através do som, as “marés” e as “matas”, rememorando as relações Brasil / Portugal através do legado cultural dos dois países.

Este projeto ganha, ainda, maior pertinência tendo como contexto a celebração do bicentenário do Tratado de Paz, Amizade e Aliança, também conhecido como o Tratado do Rio de Janeiro (29 de agosto de 1825), no qual Portugal reconheceu a independência do Brasil.



Associação de Bandolins da Madeira (ABM)



A Associação de Bandolins da Madeira (ABM), nasce em 2000 como promotora da prática do bandolim e da guitarra na Madeira.

Preservando este nome na sua génese, nos últimos anos tem vindo a expandir o seu âmbito artístico, incorporando nas suas criações outros instrumentos e universos musicais.

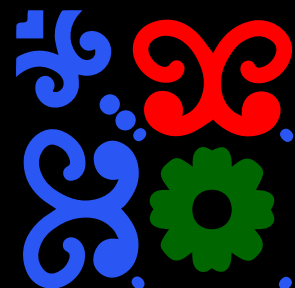
A ABM tem vindo a desenvolver espetáculos que passam por vários géneros, como a música eletrónica, instrumental acústico e worldmusic.



Orquestra Indígena do Mato Grosso do Sul (Brasil)

A Orquestra Indígena do Mato Grosso do Sul (OIMS) é fruto de um projeto social de ensino musical desenvolvido há 7 anos na aldeia urbana Darcy Ribeiro, na cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

É o único grupo indígena brasileiro que toca música erudita.

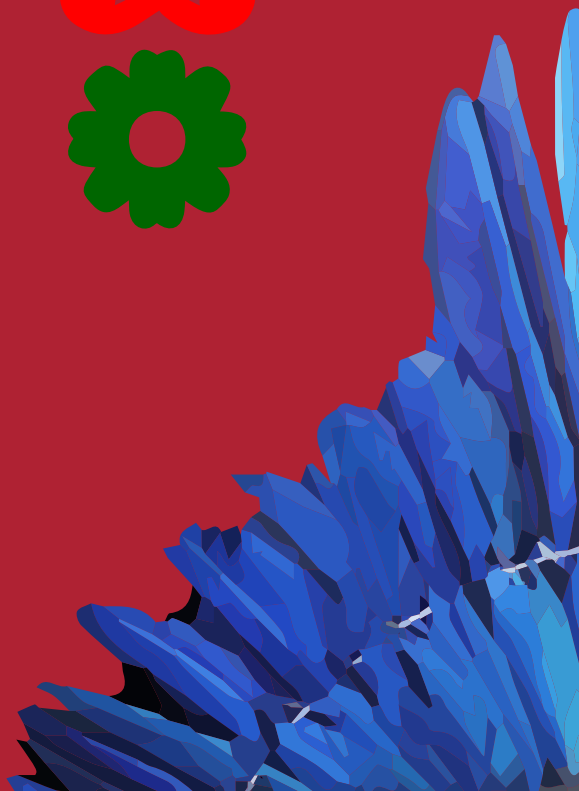
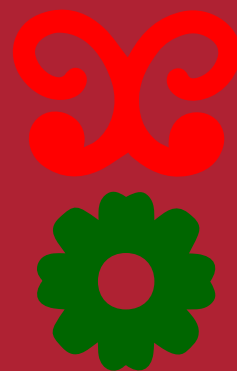


Iniciativa da Fundação Ueze Zahran, teve início em 2015, tendo como parceiros institucionais a Aldeia Urbana Darcy Ribeiro, o País das Crianças, o Instituto da Cultura Indígena e Copa Energia.





O grupo visa resgatar músicas do cancionero brasileiro do Pantanal do Mato Grosso do Sul e da tradição indígena, realizando parcerias com artistas, projetos e orquestras de grande destaque nacional.





Com as suas apresentações, a Orquestra Indígena pretende difundir para o mundo a importância da preservação do meio ambiente e a mensagem que a cultura é um meio fundamental para o conhecimento e respeito entre todos os povos.



Único grupo indígena tocando música erudita do Brasil está em Mato Grosso do Sul; formação musical resgata a cultura, igualdade e valoriza o lado artístico da comunidade da aldeia urbana Darcy Ribeiro

Uma Boeira

Criada em novembro de 2015, a Orquestra Indígena de Campo Grande atende crianças e adolescentes da aldeia urbana Darcy Ribeiro, localizada no Jardim Nuvem. A iniciativa é da Fundação Uzei Elias Zábura, com 22 alunos atores nas aulas de música, que vão desde o ensino da teoria à prática, com violão, violoncelo, contrabaixo e viola caipote, visando resgatar a cultura e a igualdade e valorizar o lado artístico dos jovens indígenas. A orquestra de Mato Grosso do Sul é a única atuante no Brasil. Em alusão às comemorações do mês da cultura indígena, data celebrada hoje (19), a orquestra está com um projeto na aldeia urbana Marjot de Souza, oferecendo aulas de música. A comunidade, na Memória da Cultura Indígena Cacique Zair Tereza de Campo Grande, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

Regidos pelo maestro Eduardo Martins III, os alunos da orquestra indígena também aprendem instrumentos de sopro e percussão, para ampliar o ensino de música, que possibilita uma formação de grupo para apresentações.

Neste mês, o grupo já realizou uma série de apresentações. Na última sexta-feira (18), a orquestra participou do "Abel Indígena", no Memorial da Cultura Indígena, na aldeia urbana Marjot de Souza, já no domingo (19), os alunos se apresentaram no 1º Festival de Todos os Povos, em Dourados. "Sem dúvidas, foi uma celebração ao dia deles", destaca o coordenador Jurel Tiarari.

Parte do projeto socioeducacional com ensino coletivo de música, Jurel trabalha desde 2005 com formação de orquestra e observa que muitos alunos são motivados a seguir carreira profissional na música, com os alunos. "Vocês precisam acompanhar até o pré-vestibular, encaminhá-los para a graduação de música e é isso que acontece em muitos projetos e apresentações, isso, dá muitos alunos que desenvolvem interesse em seguir carreira como músicos", pontua.

Investimento financeiro

Atualmente, a orquestra indígena recebe recursos da Lei Rouanet, programa do governo federal que viabiliza a realização de eventos culturais com incentivo fiscal no imposto de Renda, por meio da Fundação Uzei Elias Zábura. O coordenador ainda ressalta que o grupo busca outros incentivos para que, finalmente, possa ter a orquestra em outras localidades do Brasil e do mundo.

"Buscamos leis de incentivo estadual e municipal, para tentar circular com a orquestra em outros municípios. Estamos e, quem sabe, outros países. Sem dúvida, é uma satisfação expressiva da cultura brasileira a gente poder levar o nome do nosso país com uma orquestra indígena, levando a música a outras localidades do mundo."

Com um repertório de músicas brasileiras de todas as regiões do país, inclusive o de



Mato Grosso do Sul, a orquestra trabalha para introduzir um repertório exclusivo, criado pelo maestro, com temas indígenas, e também luta para registrar as músicas da etnia, para não perder as composições. "Mais de 90% dos nossos alunos são da etnia temana, então são buscamos apresentar esses temas, apesar de ser difícil de passar a mensagem, devido à falta de registros. Mas, trabalhamos para que isso não se perca", explica Jurel.

A violonista Celina da Silva, 15 anos, está na orquestra desde 2015, quando o projeto foi criado, e faz aulas duas vezes por semana. Em sua trajetória, ela conta que teve uma evolução muito grande e afirma que a orquestra ainda vai fazer muita história. "Dá várias oportunidades de vida na orquestra, isso foi uma brecha para mim, em várias apresentações fomos bem elogiados. Fazer parte dela é poder mostrar a cultura indígena [para] todos. Submeto que essa orquestra ainda vai fazer muita história pela frente e muito sucesso, eu acredito nisso".

Projeto

Mais de 150 crianças e adolescentes já participaram da iniciativa, que ainda busca ampliar

El para este ano, a agenda da orquestra indígena já está com algumas datas fechadas. Em agosto, eles se apresentam no Festival Encontro com a Música Clássica. O grupo também participará do Festival de Música, em Itaipava, fará apresentações no interior do Estado, além das atividades realizadas na Capital e de uma gravação de vídeos, ainda este ano, com obras autorais e com a participação de outros grupos.

Toda ajuda para o projeto da orquestra, que atende a comunidade da aldeia urbana Darcy Ribeiro, do Jardim Nuvem, é bem-vinda, seja na forma de instrumentos ou de outra forma. O coordenador também explica que, neste momento de pós-pandemia, eles estão buscando receber recursos para os projetos alunos. "Quando nos apresentamos em instituições particulares, pedimos um café, recebendo assim alunos."

Serviço: Para quem se interessar em ajudar a Orquestra Indígena de Campo Grande e também agendar eventos, entre em contato no telefone: (67) 99229-2175 (Jurel Tiarari). O perfil no Instagram da orquestra é: @orquestraorganica0501.



Arapy Aguasu

Sinfonia dos Dois Mundos
(Portugal-Brasil)

Orquestra Indígena

Música & inclusão

Crianças aprendem a sonhar por meio da música orquestral

Méri Oliveira

Nem todos sabem, mas Campo Grande se destaca, também, pela música orquestral, que reúne profissionais de grande talento, altamente gabaritados e, até, com experiência internacional. Assim, neste aniversário de Campo Grande, o jornal O Estado foi conversar com os responsáveis pelo grupo, o maestro Eduardo Martinelli, já conhecido regente, e com o coordenador do projeto, Jardel Tartari, sobre a Orquestra Indígena de Campo Grande, confira.

De acordo com Jardel, coordenador e professor do projeto, a orquestra teve início no final de 2015, praticamente em 2016, e é uma realização da Fundação Uze Zahran, com vários apoios, inclusive institucional, da Aldeia Urbana Darcy Ribeiro, dos pais das crianças, do Instituto da Cultura Indígena, atualmente é patrocinado pela Copa Energia e é uma iniciativa que hoje atende mais de 30 crianças, todas alunas de rede pública local e da comunidade indígena, principalmente.

"Sem dúvida, a principal mudança que vimos nesse projeto é a valorização da

cultura indígena, porque acabamos trabalhando com a música indígena, com a música mundial e, de certa forma, trabalhando exclusivamente com músicas da comunidade, da cultura indígena, e isso acabou trazendo uma valorização, de certa forma, para eles, que estavam de muitas formas perdendo o contato com a cultura indígena", explica o coordenador.

Para Eduardo Martinelli, professor e regente do projeto, um dos maiores desafios enfrentados em todos os anos de existência foi justamente a pandemia de COVID-19, mas que o maior desafio acaba sendo sempre o mesmo: "O desafio maior é realmente manter a criança no projeto, criar os estímulos necessários para que o projeto tenha continuidade, para que se desenvolvam, porque aprender música é uma coisa demorada. A gente tem que trabalhar bastante o psicológico dos meninos, fazer um passo a passo do ensino musical bastante adequado para que não tenha entraves, para que as coisas sejam fluídas. E é com isso que a gente consegue manter a atenção e a continuidade do desenvolvimento do projeto".



Valores

Em 22 anos atuando em projetos sociais semelhantes, o regente afirma que o que mais percebe nas crianças é a maneira diferente de elas enxergarem valores e a reafirmação de suas capacidades. "Você não pode pegar nem um milhão de reais, ou de dólares ou de qualquer coisa e, de uma hora para outra, pegar uma criança e falar 'agora você toca isso'. Se ela não sabe tocar, não vai ter dinheiro que faça isso acontecer. Então, o valor de uma construção, o valor de aprender alguma coisa, o valor de desenvolver uma habilidade, faz com que o jovem ou a criança tenha uma visão diferente do que ela é, do que é capaz de fazer, de como se faz as coisas. Às vezes eu brinco com eles, são coisas assim que o dinheiro não compra de uma hora para outra, e normalmente são essas coisas que têm mais valor."

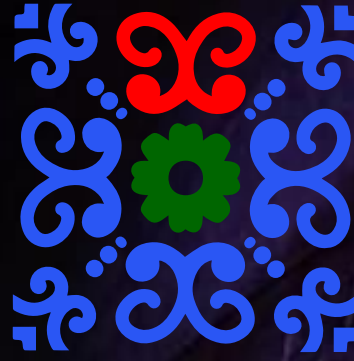
Violino e violoncelo

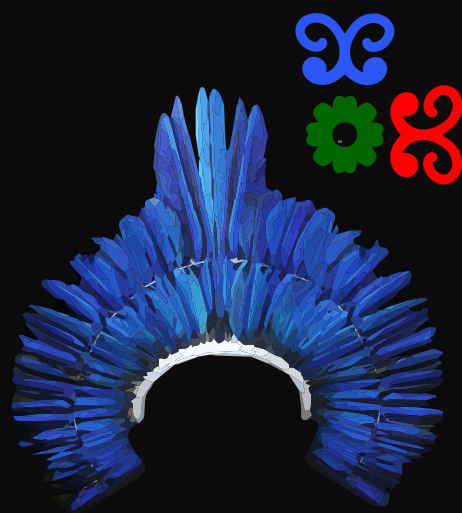
Karly Stéfany da Cruz Maciel, 16 anos, violinista, fazer parte do projeto é algo que a faz feliz. "O projeto me trouxe mais conhecimento da música, pretendo continuar nos estudos e fazer faculdade de música. Nas primeiras apresentações fiquei muito feliz e nervosa", relembra a adolescente.

Já Dinacleia Pires Arruda, de 16 anos, violoncelista, afirma - brincando e entre risos - que entrou para a orquestra quando ainda era um bebezinho. "Me sinto feliz fazendo parte da orquestra, desde quando começaram o projeto, eu até chorei para conversar com a minha mãe e com o meu pai, falei que eu queria participar, e eles me colocaram. Lá eu tinha os meus colegas, que hoje não estão mais aqui".

Valorização da cultura indígena através da arte é uma conquista para o projeto







Arapy Aguasu

Sinfonia dos Dois Mundos
(Portugal-Brasil)